



A Sociedade de Confiança: Ensaio sobre a Origem e a Natureza do Desenvolvimento

Alain Peyrefitte

Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. (634 páginas)

ISBN: 978-85-8602-093-3

O estudo das origens e causas do desenvolvimento econômico é recorrente desde a publicação de *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith (1723-1790), em 1776. O que explica o avanço de alguns países e a estagnação de outros ao longo da história? Historiadores, sociólogos e economistas ligados à economia do desenvolvimento e história econômica vêm recorrendo a diversos fatores explicativos ao longo dos últimos dois séculos. O francês Alain Peyrefitte (1925-1999) foi um deles, destacando-se pela sua originalidade quanto a abordagem das causas do advento da economia capitalista moderna.

Peyrefitte foi um importante homem erudito que se destacou na política e cultura francesa. Político da direita gaullista, ministro da cultura; membro da Academia Francesa; diplomata e intelectual ensaísta. Embora muito pouco conhecido fora do mundo de língua francesa, fora autor de vários livros e ensaios sobre economia, sociologia e história, tratando principalmente de temas relacionados à visão intervencionista francesa sobre o estado. Em sua obra principal, *A Sociedade de Confiança*, publicada originalmente em 1995 e editada no Brasil em 1999, desenvolve um estudo histórico e sociológico exaustivo da ética de livre iniciativa e das origens do espírito empreendedor na economia moderna.

Nessa obra, Peyrefitte expõe o papel da confiança enquanto fator fundamental no desenvolvimento e atraso econômico de países. Peyrefitte separa dois tipos de sociedade na história: Sociedades de Desconfiança e Sociedades de Confiança. A Sociedade de Desconfiança é definida como uma sociedade de

conflito; é presente nela o clima de constante insegurança entre seus membros, cuja ordem é garantida pela sujeição de todos a uma autoridade externa despótica. Todas as interações voluntárias em uma sociedade são vistas sob o prisma de medo e passividade, tendendo a serem mal vistas e desestimuladas. O comércio é visto como logro e trapaça: trocas nada mais seriam do que um jogo de soma zero, no qual se um ganha o outro é necessariamente visto como perdedor. Sociedades de desconfiança tendem a apresentar estados altamente intervencionistas sobre os cidadãos, e sustentando uma burocracia hipertrofiada e ineficiente. Em paralelo, possuem uma sociedade mergulhada em um círculo vicioso de estagnação cultural, social e econômica.

O segundo tipo, a Sociedade de Confiança, é caracterizada como uma sociedade cooperativa. Interações voluntárias são estimuladas socialmente, resultando em uma sociedade civil vibrante e dinâmica. Trocas voluntárias são tratadas como um elemento de ganho mútuo, ao passo que inovação e concorrência são não somente aceitos como também um fator de dignificação moral. No lugar da passividade, a liberdade de consciência. A Sociedade de Confiança é marcada por indivíduos ativos e seguros de si, associada ao baixo grau de arbítrio estatal.

Inúmeros dados apresentados ao longo do livro servem de ilustração a essas diferenças. Sociedades definidas por Peyrefitte como historicamente promotoras da confiança, como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Israel, Austrália e Hong Kong, apresentam melhor performance nos indicadores de li-

berdade econômica e de negócios. O mesmo grupo de países também lidera os rankings de transparência institucional, com baixos índices de corrupção. Também possuem uma menor dependência da economia ao estado, com um setor financeiro menos dependente de financiamentos públicos e mais de empréstimos privados. Outro dado interessante é que tendem a apresentar uma postura mais favorável à competição, entre elas a esportiva, se destacando no ranking de medalhas olímpicas, e sendo pioneiras na fundação de associações esportivas. Uma prática esportiva mais enraizada culturalmente demonstra a atitude valorizadora de tais países com o espírito de competição e o respeito a regras do jogo.

Para Peyrefitte, os países que integram a Sociedade de Confiança são os mesmos que experimentaram historicamente uma libertação de amarras e entraves morais e institucionais que limitavam a livre iniciativa e o empreendedorismo. Em consequência tendem a obter maior prosperidade econômica no longo prazo. É a conduta ética (também chamada de “ethos”) de uma sociedade que define as disparidades econômicas entre nações.

O ethos da confiança exerce não só uma influência direta, ao fomentar um ambiente cultural de estímulo ao desenvolvimento, mas também indireta, enquanto propulsora de todas as demais variáveis explicativas do desenvolvimento econômico analisadas por economistas *mainstream* contemporâneos, como poupança, educação e instituições. Um ambiente onde impera a confiança entre os contratos e ações individuais termina por estimular a escolarização e poupança. No longo prazo, isso implica em maior acumulação de capital humano e físico, e maior crescimento. Também torna a sociedade demandante de instituições mais sólidas e transparentes, que punam com eficácia indivíduos que violem o estado de direito e os direitos de propriedade. O caso da Revoluções inglesas é emblemático nesse sentido, com uma crescente submissão da Coroa à prestação de

contas à sociedade, representada pelo Parlamento. A valorização de um ethos centrado na confiança seria, portanto, a fonte de todo crescimento.

No decorrer da obra, Peyrefitte analisa as origens históricas e os fatores que motivaram o aparecimento do ethos de confiança na modernidade. Menciona como uma das origens históricas a Reforma Protestante no século XVI, que teria garantido a autonomia de consciência das massas com a livre interpretação das Escrituras, e trazendo como consequência um impulso à alfabetização nos países que a adotaram. Por outro lado, como fatores que reprimiram o ethos, Peyrefitte contrasta o espírito da Contrarreforma no catolicismo latino – doutrina religiosa que privilegiava a obediência à hierarquia eclesiástica e via com desconfiança a autonomia individual. Ambas as teologias cristãs adotavam posturas divergentes em relação ao dinheiro. Para Peyrefitte, enquanto a teologia católica medieval mantinha uma postura cética e restritiva da atividade comercial, a mentalidade protestante a tolerava e favorecia. Os juros decorrentes da atividade bancária eram tidos como legítimos, enquanto frutificação dos dons naturais do indivíduo conferidos por Deus. A Teologia calvinista estaria fundada na confiança irrestrita do indivíduo, que possuído pela graça divina e talentos naturais conferidos pelo criador, possui uma consciência livre para agir, trabalhar e produzir.

Tais divergências teológicas mudariam para sempre o destino dos países europeus, então unificados culturalmente pelo catolicismo medieval. Com a Reforma Protestante de Martinho Lutero (1483-1546) e João Calvino (1509-1564), no século XVI, observa-se o limiar da divergência, o progressivo distanciamento econômico dos países do Norte (Holanda, Inglaterra e Suíça) em relação aos do Sul (Portugal, Espanha, Itália). Peyrefitte compara a mentalidade predominante dos dois grupos de países e observa o quanto o primeiro valorizava trocas comerciais e exaltava a autonomia individual presente na figura do comerciante. Enquanto em países contrarreformistas pre-

dominava um rígido código de diferenciação social em estamentos de classe, associadas a noções de linhagem hereditária, nos países protestantes (como Holanda e Suíça), já se começava a observar uma valorização das elites ao trabalho e lucro, com maior integração entre as classes burguesas e aristocráticas.

A emigração na Europa do século XVI ao XVII também permite estabelecer discrepâncias entre ambas as mentalidades. Peyrefitte observa que indivíduos emigrantes tendem a ser mais dinâmicos e empreendedores nos países culturalmente abertos ao comércio. Cita como exemplo a Revogação do Édito de Nantes em 1683 por Luís XIV, responsável pela expulsão de todos os cristãos protestantes do reino francês, os huguenotes. A emigração deste grupo para os países vizinhos (Inglaterra, Países Baixos) levaram ao enriquecimento de tais nações e a um declínio no poderio do Antigo Regime francês, então a maior potência política e econômica da Europa ocidental. Apesar de Peyrefitte reconhecer que há controvérsias entre historiadores quanto ao papel da Revogação no declínio francês, observa-se que ela é reflexo de uma mentalidade hostil à tolerância e à inovação. No primeiro grupo, o menor ethos de confiança disseminado na sociedade traduz-se no fechamento e a afirmação social de identidades coletivas, enquanto no segundo grupo uma maior ethos de confiança reflete-se na abertura social e a supremacia do indivíduo sobre grupos sociais.

Apesar de Peyrefitte ressaltar o fundamento religioso nas origens de uma Sociedade de Confiança, ele não o toma como um fenômeno de natureza exclusivamente religiosa. O argumento da ética protestante como origem da economia capitalista moderna, presente em Max Weber, é criticado. Apesar de ambos os autores compartilharem uma perspectiva idealista e culturalista sobre a formação de uma sociedade, a cultura para Peyrefitte não é um elemento estático e determinístico. Cultura, segundo ele, é definido como um conjunto de valores e disposições de caráter compartilhados em comum pela livre escolha de indivíduos. Uma cultura sofre

alterações conforme seus membros passem a valorizar certas ideias e valores. O fenômeno do desenvolvimento pode ser estendido com a incorporação do ethos de confiança a outros povos do mundo, como o foi no século XX. Esse é o caso de sociedades asiáticas, como a japonesa, historicamente fechadas e protecionistas, mas que no século XX experimentaram um grande boom de liberalização e crescimento econômico. O exemplo asiático mostra que é possível uma abrupta mudança nos valores e costumes em favor da livre iniciativa.

Para Peyrefitte, o que ocorreu na Europa foi que desenvolvimento do ethos de confiança em algumas regiões entre o século XVI e XVII teria criado um ambiente moral impulsionador do forte desenvolvimento observado a partir do século XVIII, com a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra para se estender aos demais países europeus. O ethos tende a entrar em sociedades como ondas, impulsionando-as, e desaparecendo repentinamente. As circunstâncias que motivaram o desenvolvimento europeu no período moderno não foram muito diferentes da que fomentaram a sociedade grega e helenística do século V a.C., marcada pelo avanço da democracia, liberdade de expressão e do interesse pela ciência e filosofia. O mesmo ocorreria com a sociedade chinesa, impulsionada periodicamente por ciclos de pujança e decadência dado as súbitas ativações do ethos de confiança nos sucessivos impérios dinásticos que surgiam e desapareciam.

Para Peyrefitte, a questão do desenvolvimento consiste em como manter e fazer avançar o ethos de confiança em uma sociedade, o fundamento do verdadeiro espírito empreendedor e inovador. Sendo uma obra escrita nos anos 90 do século XX, Peyrefitte não deixa de demonstrar seu otimismo com o progresso tecnológico e econômico alcançado e o avanço de ideias liberais e antiautoritárias pelo mundo, sobretudo com a Queda do Muro de Berlim e o colapso da União Soviética.

Na obra *A Sociedade de Confiança*, é possível notar claramente como o desenvolvimento econômico não depende unicamente



de fatores determinísticos e condicionantes da ação humana, como acumulação de capital, anos de estudo. Produção e riqueza são produtos do fator mental e cultural, e este está sujeito à vontade e decisões unicamente humanas. O livro conclui que a origem do de-

envolvimento está nas disposições de comportamento e atitudes internas que tornem o homem aberto a inovar, agir, empreender e produzir, sem que se sinta inibido por retaliações ou hostilidades sociais. ∞



Tiago Cabral Barreira

Bacharel em Economia pela FGV-RJ e pesquisador do IBRE/FGV
tiagocabral91@hotmail.com